

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE

DEPARTAMENTO DE LETRAS

ÍCARO FELIPE SANTIAGO GALLINDO

**Identidade negra e violência contra a mulher em *Olhos d'água*, de
Conceição Evaristo**

RECIFE

2018

ÍCARO FELIPE SANTIAGO GALLINDO

**Identidade negra e violência contra a mulher em *Olhos d'água*, de
Conceição Evaristo**

Ensaio apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Unidade Acadêmica do Recife (Sede) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) como requisito para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador(ra): Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes

Área de concentração: Literatura

RECIFE

2018

Resumo

O ensaio tem como foco o livro *Olhos D'água*, da escritora Conceição Evaristo. Trata-se de um livro de contos, vencedor do prêmio Jabuti, nessa categoria, em 2015. Observa-se nesta obra que a autora expõe com uma linguagem sutil e poética, a pluralidade da existência da mulher, em especial negra. Em *Olhos D'água*, Conceição Evaristo direciona o seu foco de interesse na população afro-brasileira, abordando, de forma crítica, a pobreza e a violência urbana que acometem as mulheres. O principal objetivo deste ensaio é analisar, identificar e refletir a forma como a autora representa as diversas formas de violência, tanto físicas, como psicológicas, contra a mulher. *Olhos D'água* é composta por 15 contos, com um rico elenco de personagens femininas marcantes. Neste ensaio, focarei em analisar apenas as personagens de Duzu- Querença e Ana Davenga, no qual é representado como essas mulheres são vítimas de alguma forma de violência.

Palavras-Chave: Conceição Evaristo. Autoria feminina. Literatura Afro-brasileira. Violência

Resumen

La prueba se centra en el libro de *Olhos D'Água*, escritor Conceição Evaristo. Es un libro de cuentos, ganador del Premio JABUTI, en esta categoría, en 2015. Se observa en este trabajo, el autor esboza, con un lenguaje poético y sutil, la pluralidad de la existencia de las mujeres, en particular el negro. En *Olhos D'Água*, Conceição Evaristo dirige su foco de interés en la población afro-brasileña, abordando, en forma crítica, la pobreza y la violencia urbana que afectan a las mujeres. El principal objetivo de este ensayo es analizar, identificar y reflexionar sobre cómo el autor representa las diversas formas de violencia, tanto física como psicológica, en contra de la mujer. *Olhos D'Água* está compuesto por 15 cuentos, con un variado elenco de personajes femeninos en huelga, en este ensayo, me centraré en analizar sólo los caracteres de Duzu- Querença y Ana Davenga, el cual es representado como estas mujeres son víctimas de alguna forma de violencia.

Palabras clave: Conceição Evaristo. Autor de las mujeres. Literatura afrobrasileña. Violencia

Agradecimentos

Um ciclo em vida está sendo encerrado, e acima de qualquer outro ciclo, este me traz a sensação de alegria e plenitude, e que deve ser compartilhado com pessoas próximas, que estiveram em todos os momentos presentes, sempre me apoiando e sendo importante nesta caminhada. Não encerro este ciclo apenas por meu esforço e dedicação, mas, também encerro por todas estas pessoas que estiveram e estão ao meu lado, e comigo contribuirão.

Portanto, agradeço à Lucione Gallindo, por ser mãe em toda essência da palavra, por me criar ontem, hoje e sempre e me amar incondicionalmente.

A Felipe Gallindo, meu pai, por ser muito mais do que um pai, ser um verdadeiro amigo em todos os momentos, por me inspirar e me guiar.

À Marina Nobre, minha companheira em todo este percurso, por ser em todos os momentos carinhosa e sempre pronta a me escutar e aconselhar com muito amor.

A Iêdo Paes, meu orientador, professor e amigo, que me apresentou novos caminhos acadêmicos e despertou em mim o desejo pela pesquisa.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Letras da UFRPE, sou grato a todos por tanto ensinamento e tanto despertar.

E por último, à Universidade Federal Rural de Pernambuco, que me acolheu, e foi por todos estes anos minha segunda casa, e por quem nutro um grande carinho que levarei por toda a vida.

Sumário

1 . Palavras iniciais	6
2. A identidade negra como pertencimento	13
3. A literatura de autoria feminina como afirmação	16
4. A literatura afrofeminina como alteridade.....	19
5. A escrevivência de Conceição Evaristo e sua representação em Olhos D'Água.....	21
6. As representações das violências sofridas pelas personagens Duzu-Querença e Ana Davenga	25
6.1 A infância interrompida de Duzu-Querença.....	31
6.2 A vida interrompida de Ana Davenga.....	35
Considerações finais	42
Bibliografia.....	47

1 . Palavras iniciais

Segundo as ideias de Antonio Candido, a literatura é uma manifestação cultural universal, e nos mostra a impressionante capacidade e necessidade humana de criação ficcional ou poética. De acordo com o autor, que define a literatura como:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 174).

A Literatura Afro-Brasileira representa um marco na história da construção e formação dos leitores, devido à leitura destas obras, muitos indivíduos se empoderaram e se deslumbram com a tradição oral dos povos africanos. Isso leva à construção de um outro olhar sobre a condição do negro na sociedade brasileira. Ao reconhecermos a literatura como um direito humano que garante a integridade imaterial, a literatura deve proporcionar que estudantes negros(as) construam suas identidades, pelo contato com enredos em que os protagonistas também sejam negros(as). Na década de 80, Antônio Candido dialogava com a construção de uma Literatura como um direito humano, fazendo a distinção entre os bens compressíveis (eletrodomésticos, enfeites, roupas extras, entre outros) e os bens incompressíveis. Para o autor, são bens incompressíveis:

[...] não apenas os que asseguram a integridade física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, a opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Dando prosseguimento ao pensamento de Antônio Candido, a literatura afro-brasileira de autoria feminina é um direito humano, portanto um direito de todas as mulheres poderem ser representadas na literatura sem serem legadas a um segundo plano ou estereotipadas. É um direito das mulheres negras construírem sua própria identidade na literatura que garanta sua representatividade tanto no mundo acadêmico como no cerne da literatura e, dessa forma, visibilizam seu lugar de fala na tradição literária brasileira.

É importante ressaltar que o autor deste trabalho tem consciência dos debates em volta das particularidades e definições sobre os termos “Literatura Negra” e “Literatura Afro-brasileira”, e por isso discutirei brevemente estas questões que envolvem os dois temas.

Por séculos, o povo negro foi tratado como moeda de troca e objeto de escravização em decorrência de seu sequestro na África. Os negros tiveram mais do que conquistar, tiveram que impor o seu lugar, e se fazer compreender que era/é mais do que necessário dar vez às tantas vozes negras que foram silenciadas, caladas a força, em todos os âmbitos de violência, seja esta física ou psicológica, que lhes foram impostas.

A luta pela liberdade do povo negro não foi conquistada plenamente, o povo negro é livre *entre aspas*, pois, inúmeras vezes o seus direitos e vivências são aniquilados, violentados por preceitos e ideologias distorcidas, presentes no cotidiano em nossa sociedade, tornando as lutas pela liberdade cada dia mais necessárias, ainda que as conquistas ainda sejam limitadas e exista um gosto amargo no cotidiano da maior parte da população negra no Brasil, o que torna cada conquista um passo adiante pela liberdade de todos os direitos da comunidade negra. Este é um caminho cheio de vivências, muitas vezes sofridas, mas necessárias.

E dentro deste contexto, que a identidade negra busca se afirma diante desta sociedade pós-moderna, após séculos de ataques a suas características e as inúmeras tentativas de apagarem suas origens. Dentro deste contexto, Stuart Hall (2006), no seu clássico texto *A identidade cultural na pós-modernidade*, demonstra o quão influente no espaço pós-moderno sobre a formação das identidades. Neste contexto em que vivemos, as mudanças são constantes e rápidas, diferentemente do que ocorreu no período da modernidade, por exemplo. De acordo com Stuart Hall, as velhas identidades,

pautadas em princípios como razão, consciência (sujeito iluminista) e coletividade (sujeito sociológico) entraram em forte declínio na pós-modernidade. Emergem, a partir da pós-modernidade, novas identidades que não são fixas ou permanentes, e sim móveis, definidas historicamente e não biologicamente, como ele exemplifica:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidade contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

E com este plano de fundo para as contestações de velhos paradigmas identitários, certamente a literatura tem papel primordial. Deixando em primeiro plano o contexto em que nós vivemos, pode-se apontar a influência da escrita negra para o combate às práticas essencialistas do racismo. Tendo como base o texto *Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra*, o autor e professor Eduardo de Assis Duarte (2011) nos traz a situação em que se encontra o negro na literatura em um período no qual muitos negros não podiam ter direito à fala e muito menos se expressarem: com objetivo de escreverem e chegarem a publicar, muitos foram forçados a utilizarem da língua de seus “colonizadores”, e isso não apenas no Brasil. Duarte traz em seu ensaio, que existiu um crescimento gradativo no número de escritores que assumem em seus textos seu pertencimento, como sujeitos afrodescendentes, foi aumentando no decorrer do tempo ,e na atualidade, o negro não está apenas sujeito a ter espaço na escrita do branco, mas ele próprio produz a sua fala, expressando a sua identidade.

No Brasil, os escritores negros têm o seu começo como uma forma de escrita para agradar a sociedade, mesmo tendo em suas entrelinhas denúncias das épocas passadas. No presente, a literatura negra encontra sua liberdade, sua ressignificação na escrita, onde o sujeito principal é o povo negro, uma voz arrebatadora e empoderada, voz que exige e assume seu papel na construção do orgulho de “ser negro” na sociedade brasileira. A Literatura Afro-brasileira é

um pilar fundamental para reivindicar o lugar do negro como brasileiro participante ativo da sociedade. A Literatura negra traz em seu cerne um misto de revolução e rupturas:

Os movimentos das mulheres, bem como os de negros, índios, homossexuais, africanos e outros assumiram a retórica da ruptura, investindo na derrubada das hierarquias, sobretudo a das distinções de gênero como construção discursiva, diversamente do divulgado processo natural, que privilegiava a condição anatômica da divisão entre os sexos. Os movimentos feministas empenharam-se na valorização das margens, em relação a onipotência do centro que, regido pela lógica binária, concedeu todas as prerrogativas ao pólo masculino, destinando a mulher a alteridade submissa e alienada. (CUNHA 1999, P.17).

Eduardo de Assis Duarte (2011) nos introduz que embora a Literatura Afro-Brasileira esteja em plena construção, o século XXI consolida seu espaço tanto no âmbito acadêmico como social, sendo um período rico em descobertas e de grande produção. Seguindo a afirmação do autor, é leviano afirmar que a Literatura Afro-Brasileira é recente. Seu início ocorreu ainda no século XVIII com Domingos Caldas Barbosa, e tem sem espectro tanto nos grandes centros urbanos quanto pelas literaturas ditas regionais, e se consolida com a publicação da série *Cadernos Negros* pelo grupo Quilomboje. Além dos *Cadernos Negros*, ocorreu um importante impulso de interesse de estudo dessa literatura pela instituição da Lei nº 10639/2003, que obriga as instituições de ensino, oficiais ou não, a incluírem no currículo história e cultura afro-brasileira.

Entende-se, inicialmente, por Literatura Afro-Brasileira, a produção literária

[...] desenvolvida por um autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a

concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro (DUARTE, p. 377, 2011).

Esta concepção é complementada por Eduardo de Assis Duarte (2011) ao definir alguns denominadores que distinguiriam a Literatura Afro-Brasileira da literatura que retrata o negro como personagem estereotipado. Para o autor, a obra deverá apresentar

[...] uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (DUARTE, 2011, p. 385).

A nossa sociedade é predominante patriarcal, por isto, a mulher negra enfrenta experiências complexas e diversas. Por sua cor negra, também é violentada por ser mulher. E os mais diversos preconceitos e ideologias machistas não terminam. Quando as mulheres optam por relações homo afetivas, a violência sofrida e dificuldade para serem aceitas pela sociedade aumenta ainda mais. Infelizmente, temos nesta sociedade atual, o preconceito por tais questões em níveis alarmantes, sendo cada dia mais necessário que lutemos contra estas práticas nocivas à sociedade.

São inúmeros e diversificados os debates que circulam no Brasil em torno das denominadas “literatura de autoria feminina”, “escritura feminina”, “literatura de mulheres” e “literatura feminina/feminista”. Se encontra no cerne destes debates, argumentos e contra-argumentos, repletos de indagações, que garantem agendas acadêmicas repletas de discussões em torno do gênero. Em meio aos debates sobre como denominar a literatura de autoria feminina, tomo como ponto de partida Liane Schneider, que ao abordar esses conceitos, problematiza-os, reconhecendo que existem desconfortos provocados por eles, bem como seus limites e, simultaneamente, chama atenção ao leitor para a

necessidade do enfrentamento das múltiplas tensões recorrentes do projeto literário de “escrita feminina” ou “feminista”:

Assim, se as literaturas produzidas por mulheres que se vinculam a tais projetos emancipatórios e antipatriarcais são definidos como “escrita feminina”, deve-se garantir que esse significante (escrita feminina) esteja carregado de todas as tensões que compõem o tecido cultural, não sendo inscrito nem limitado por uma visão binária e naturalizada de mundo. [...] mais uma vez aqui, mesmo denominando-se eventualmente tal produção de “escrita feminista”, também não estaríamos seguras quanto a qual dos feminismos (da experiência, da diferença, da desconstrução, marxista, etc.) estaríamos nos referindo. Além disso, haveria (assim como *há*) autoras que produziriam um texto “feminista”, sem, no entanto, aceitarem, de bom grado, tal classificação [...] (SCHNEIDER, 2007, p. 1)

Dentro deste rico debate, questionamentos e tensões sobre a validade e pertinência de termos como “literatura escrita por mulheres”; “literatura feminina”, que se definem, como um conjunto de textos literários produzidos por mulheres e “escritura/escrita feminina”, para reiterar a participação de mulheres na produção literária, conforme Schneider (2007). É importante reconhecermos que a literatura, como uma expressão genuinamente de arte, que até então era produzida em sociedades hierárquicas e patriarcais, tais como as ocidentais e oriundas delas, e que é historicamente uma manifestação artística que, embora invisibilizada, a mulher se fez presente.

Inserida no campo das lutas por reconhecimento, temos as escritoras Afro-brasileiras, através da *escrevivência* (termo criado pela escritora Conceição Evaristo) que soltam suas vozes por tantas outras mulheres negras com suas demais condições. Usam como ferramenta de reconhecimento das mulheres Afro-brasileiras a literatura escrita por mulheres, uma literatura que emancipa e ressignifica as condições das mulheres, que se destaca pelo olhar único que somente mulheres poderiam tão bem expressar e pela poeticidade colocada de um modo que talvez só as mulheres conheçam. É na literatura afro brasileira que as vivências que apenas as mulheres/negras podem ou são

obrigadas a experimentar, demonstrando em suas personagens os diversos papéis que em que a mulher negra é representada.

Conceição Evaristo representa vozes significativas, complexas, com a incrível capacidade de nos fazer mergulhar em suas interioridade existenciais, de revelar a mulher através de seus poemas e contos, com maestria de quem sente e sabe seus conflitos, carências, preocupações, sonhos. Pode-se sentir sua *escrivência* no poema seguir:

EU-MULHER

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes agora o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo do mundo.
(EVARISTO, 1990)

O ensaio literário tem como objetivo fazer uma análise da violência vivenciada e sofrida pelas personagens femininas de quatro contos dos livros *Olhos D' Água*, de Conceição Evaristo. Se torna necessário para a análise e

melhor compreensão de todos os fatores responsáveis e integrantes desta violência, é de vital importância que perpassemos pela história da Literatura Afro-brasileira, onde nos remetera as diversas lutas do povo negro e descendentes de negro no Brasil. Assim, como não podemos deixar de pontuar o papel de identidade presente nos dois contos.

No capítulo seguinte iremos relacionar a literatura Afro-Brasileira por Mulheres Negras e sua importância fundamental para a construção de uma episteme negra no Brasil e seus desdobramentos.

Analisaremos a obra de Conceição Evaristo no contexto da produção literária feminina e negra nacional contemporânea, traçando um perfil da autora, a presença nos dois contos, de suas *escrivências* e a de tantas mulheres negras, e a produção do livro *Olhos D'Água* como referência para a literatura negra em nossa sociedade.

Após isto, começaremos a análise a partir dos conceitos de identidade, e as violências e suas diversas configurações, traçando pontos destas violências nas vivências de quatro personagens femininas. As personagens femininas que serão alvos de análise neste trabalho serão: Duzu- Querença e Ana Davenga,.

2. A identidade negra como pertencimento

Compreender a formação da identidade negra é reconhecer a experiência histórica de que o Brasil foi um país colonizado, e que por este motivo gerou uma sociedade que tentou produzir o apagamento de suas identidades negra e indígena. Isso ocorreu devido à ação das elites, mas não somente desta camada social, que produziram em sua vivência, em um contexto onde o choque destas identidades, valores e verdades coexistiam ao mesmo tempo: a reunião de valores da cultura colonizadora e do outro lado, conjunto de valores da cultura colonizada. O que levou a ser construído em nossa sociedade foi a percepção constante de que, em relação a identidade e cultura dos colonizados estavam sempre em uma posição superior e de total controle de dominação, ao mesmo tempo, para os colonizados estavam em

uma posição inferior. É neste embate de pelo menos dois conjuntos de valores contraditórios e conflitantes, que se torna cada vez mais necessário compreender a formação da identidade negra, e em seguida da literatura afro-brasileira como um conjunto de valores de identidade para o povo negro. Seguindo os pensamentos de Homi Bhabha (1998) que nos leva a observar que é preciso olhar para trás para compreendermos o processo da construção de nossa identidade.

Compreender o que são as “identidades” é um assunto que está inserido nos debates acadêmicos e nos diversos grupos de pesquisas voltados para algumas questões contemporâneas, tais como: políticas neoliberais, globalização, pos-colonialismo, alteridades, diversidades, estudos culturais entre outras. Existe um grande leque de estudos históricos, sociológicos, psicológicos, literários e culturais que fazem análises e considerações tentando construir uma compreensão do conceito de identidade. Entretanto existem características únicas nestas identidades, e devido a isso, Stuart Hall (2006) reconheceu que existe uma grande tentativa de compreender as identidades nas sociedades da pós-modernidade, por possuírem inúmeras diferenças, mas, ainda permanecem ainda alguns questionamentos, dúvidas, críticas e discordâncias a respeito de identidade:

Estamos observando, nos últimos anos, uma verdadeira explosão discursiva em torno de “identidade”. O conceito tem sido submetido, ao mesmo tempo, a uma severa crítica. Como se pode explicar esse paradoxal fenômeno? Onde nos situamos relativamente ao conceito de “identidade”? Está se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou outra, criticam a idéia de uma idéia de identidade integral, originária e unificada. (HALL , 2006, p. 103)

É necessário desconstruir sobre as perspectivas identitárias, colocadas por Stuart Hall, em que se afirma suas ambivalências sobre os debates em volta das identidades, assim como suas inúmeras controvérsias em compreendê-las como entidades fixas, únicas e imutáveis. Assim como, ao

definir as identidades, parte do princípio que é necessário reconhecê-las como uma construção sociocultural e não como uma construção unicamente biológica e naturalizada, uma vez que, ao reconhecer este tipo de construção, implica em adesão, pertencimento e, ao mesmo tempo, ressignificação de valores, costumes, comportamentos, ritos, tradições, concepções dentre outros. Foca na compreensão de que é preciso entender, como se instituem, não limitando a percepção somente pelas relações de classe, mas também por diversos outros aspectos, tais como: étnico-racial, gênero, profissional, orientação sexual, geracional etc.

As identidades não são a raiz da natureza humana e não são resultados de doações ou aquisições passivas ou ativas para sua construção; seguem o caminho oposto, tanto as identidades individuais assim como as coletivas são construtos socioculturais que se caracterizam como móveis, múltiplas, fluidas e fragmentadas e são, conforme Homi Bhabha (1998), constantemente negociadas e contestadas. Seguindo a construção das identidades, estas não são sempre coerentes e definitivas. Incontestavelmente, elas são instáveis, inacabadas e transitórias e, por essa razão, elas são dinâmicas e se constituem de modo relacional (HALL, 2000) como um grande processo de constante metamorfose. As identidades se limitam apenas a terem uma única forma de representarem o ser humano, e nem se constituem como elementos para diferenciarem do outro, já que, conforme Muniz Sodré:

Dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito singular é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências (naturais, psicossociais) e de relações com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um “si mesmo”, é sempre dada pelo reconhecimento de um “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente. (MUNIZ, 1999, p. 34)

As identidades são diversas, sendo o resultado de diferentes traços socioculturais, e por este motivo, se configuram nos *entrelugares* Bhabha (1998), ou seja, são constituídas com marcas culturais das diversas dimensões. Podemos elencar nestas dimensões o gênero, geração, geográfico, cultural, além de diversos outros, sendo desta forma um caminho no qual pessoas e grupos se reconhecem a si próprias. Portanto, para compreendermos as identidades, temos que analisar as dimensões em que se entrelaçam as relações entre o sujeito e os mais diversos grupos sociais e culturais com os quais convive. Como uma construção estritamente humana, as identidades existem pelas práticas socioculturais, se fazem existir e mobilizam grupos, quando possível, pela linguagem. Sobre este olhar, se faz necessário observar e analisar a construção em constante movimento das identidades negras, tanto como objetos de afirmação, quanto na produção de textos literários. Elas estão circunscritas em encadeamentos de traços culturais e sociais que formam a identidade negra, inventadas por repertórios de culturas negras, em convergências e divergências, conforme Hall (2006).

3. A literatura de autoria feminina como afirmação

No período dos séculos XVIII e XIX, a literatura de autoria feminina havia já iniciado seu curso na Europa e nos Estados Unidos. Pesquisadoras assinalam que entre 1870 e 1880, nas maiores editoras inglesas, praticamente metade dos escritores era do sexo feminino, enquanto nos Estados Unidos cerca de 75% dos romances publicados nesse período foram escritos por mulheres.

Entretanto, foi com muita dificuldade que os muros dessa cultura machista foram sendo rompidos pelas mulheres, que com muito esforço começaram a publicar seus livros, já em meados do século XVIII. Entretanto, somente no final século XX, é que se tornou possível o contato com obras que revelam a intensa participação feminina nas letras nacionais.

Segundo Judith Butler (2003) sob a ótica de uma construção histórica sobre o movimento feminista, foram três os grandes períodos ou ondas, como é mais conhecido, referindo-se à militância nos campos literário, cultural e

político. A Primeira Onda, de acordo com Bonnici (2007), engloba o período das primeiras décadas do século XIX, quando ganhou corpo a luta pelos direitos humanos, até as primeiras do século XX, com o movimento das sufragistas, que defendiam direito ao voto feminino. De acordo com a autora, a Segunda Onda teve início com a publicação de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949, obra de suma importância por apontar relevantes aspectos e características e mitos sobre a mulher criados por escritores renomados, entre eles, Stendhal e D. H. Lawrence. Partindo do pressuposto de que a mulher nunca é o Um, mas sempre é o Outro, aponta a subordinação feminina como uma questão ontológica: é o *inessencial* que não retorna ao essencial.

E por último, a Terceira Onda Feminista surgiu, de acordo com o autor Bonnici (2007), em torno de 1990, nos Estados Unidos, por causa da necessidade de renovação do movimento, enfrentado nos Estados Unidos, como a crítica masculina que atribui a redução de direitos dos homens paralelamente à igualdade adquirida pelas mulheres; e da crítica “conservadora de pós-feministas de que as mulheres têm todas as garantias sociais e legais para viver em paridade na sociedade contemporânea” (BONICCI, 2007: 252). A Terceira Onda amplia sua pauta de reivindicações em comparação ao grupo da Segunda Onda, uma vez que engloba a teoria queer, a conscientização da negra, o pos-colonialismo, a teoria crítica, o transnacionalismo”, entre outros.

O fruto de inúmeras pesquisas acadêmicas e de alguns institutos culturais foi determinante, e ainda precisam que ocorram, para trazer para o público a insubstituível contribuição de escritoras do passado, seja na prosa, na crônica ou na poesia. E temos nos dias atuais, graças aos inúmeros esforços em conjunto, uma reconstrução de uma tradição literária feminina no Brasil, que já está bem estabelecida, pois é bem conhecida a lista de nomes femininos em nosso passado literário, que é bastante extensa, mas, em sua grande maioria, esses nomes passaram uma longa permanência na invisibilidade.

De acordo com Cláudia Castanheira (2016), a maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) deve ter sido a primeira, cronologicamente, mulher brasileira a ter um romance publicado, *Úrsula* (1859), que demonstra por parte da autora, sempre atuante na causa abolicionista, uma nítida e forte consciência acerca do seu tempo, sobre as das questões de gênero, raça e classe social. Um dos méritos dessa obra, é o de surpreender sua sociedade,

ao levar o negro à condição de objeto estético, já que, por um longo tempo, o negro na literatura era invisibilizado ou estereotipado por sua condição social e classificação étnico-racial.

E para além das lutas pelo seu reconhecimento como escritoras, as mulheres do século XIX tiveram que confrontar o desafio de se libertarem dos estereótipos machistas com que eram representadas na ficção. Como elemento chave nos alicerces da sociedade burguesa ascendente, o romance foi um produto cultural de grande impacto de socialização, redefinindo os papéis sociais na sociedade vigente e reforçando estereótipos, condutas morais e éticas, em particular para a grande parte das mulheres. Vale destacar que nos romances, as mulheres envolvidas em lutas políticas, rebeliões, ou quaisquer movimentos que contrariassem as prescrições culturais que lhes definiam o papel social adequado para a sociedade, eram colocadas como exemplos a não serem seguidos. Geralmente, as personagens femininas que transgrediam a sociedade tinha o seu fim pela morte, por exemplo, como resolução narrativa para as personagens que transgrediam os valores consagrados pelas instituições sociais, era recorrente.

Já nas primeiras décadas do século XX, são apresentadas aparições isoladas da produção ficcional de mulheres brasileiras, e nestas obras os questionamentos acerca dos padrões vigentes da sociedade também eram momentos isolados, não deixando em aberto à discussão para maiores questionamentos da mulher acerca de sua condição, entretanto, serviram de exemplos para as futuras gerações para o seu processo de emancipação. Em linhas gerais, as escritoras eram tratadas com total descrédito. A história da literatura, excluiu a contribuição das escritoras para a construção histórica do panorama literário brasileiro.

Seguindo os apontamentos de Judith Butler (2003) ocorreu um salto histórico qualitativo em toda a trajetória da condição feminina no Ocidente se deu nos anos de 1960. Em decorrência da publicação de *The feminine mystique*, de Betty Friedan, o movimento feminista, há muito adormecido, foi reativado nos Estados Unidos, levando a ocorrer questionamentos ao redor do mundo ocidental sobre os movimentos de liberação feminina, que ganharam um espaço social até então inédito. Diversas atitudes e práticas sexistas foram fortemente combatidas com o intuito de uma reforma significativa, não apenas

no contexto da vida profissional, mas também no contexto do casamento e da família e, principalmente, na própria consciência das mulheres.

Com um olhar mais próximo de nossa geração, a literatura de autoria feminina compõe, a partir dos anos 90, um corpo expressivo e multifacetado, que tem em seu cerne o resultado de décadas de elaborações teóricas e práticas reivindicatórias, no caminho de atualizar a queda de conceitos e valores tradicionais/patriarcais de nossa cultura.

4. A literatura afrofeminina como alteridade

Em uma construção histórica repleta de violências e opressões contra os negros, assim como as violações de suas tradições e expressões culturais que ao longo do tempo ocorreram inúmeras tentativas de serem silenciadas, levou que seus “textos” eram tolhidos da sociedade, não dando direito que a sociedade e quem tivesse interesse em conhecer “capacidade poética” dos africanos sequestrados para as Américas.

No decorrer dos séculos, a voz dos escritores negros e das escritoras negras foi abafada, porém não calada. Inúmeras dificuldades encontradas pelos escritores negros que, no seio de uma sociedade racista, afirmam a sua identidade. Seguindo este pensamento, Conceição Evaristo (2009), escritora afro-brasileira que trilha um caminho no contexto da literatura nacional, e autora do livro *Olhos D'Água* (2014), o qual se constitui no objeto de pesquisa deste trabalho, afirma:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. (EVARISTO, 2009, p. 18)

Mesmo nos tempos atuais, existe pouco espaço na sociedade brasileira para as manifestações culturais negras e afrodescendentes, mesmo tendo ganho um importante espaço dentro da produção artística, inclusive o espaço

para escritores afro-brasileiros. Mesmo diante de ações que surgem na tentativa de “sufocamento” em relação às expressões culturais/religiosas oriundas da África, aparece como resistência uma forte luta para que estas manifestações ganhem cada vez mais espaço e façam parte da nação brasileira sem distinções como ícones de resistência;

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo. (EVARISTO, 2009, p. 19)

Conceição Evaristo (2009) ainda afirma em sua discussão sobre o tema, a dificuldade para a sociedade em reconhecer os referenciais negros em nossa cultura, ainda é um elemento que causa estranheza, mas quando trata-se da literatura negra, tem se logo uma dúvida e uma resistência em reconhecê-la, até mesmo, sua autoria.

Decerto, existe um forte silenciamento da voz feminina negra na literatura e este se insere em aspectos de exclusão, racismo e o machismo que imperam na sociedade, ainda constituindo como ecos relevantes de traumas que envolvem as relações raciais e de gênero no Brasil, por isso a necessidade da construção de direito de fala das mulheres, como podemos observar;

A literatura afrofeminina é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Em um movimento de reversão, elas escrevem para (des)silenciarem as suas vozes autorais e para, através da escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder

de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas.
(SANTIAGO, 2012, P. 155)

Diante do contexto apresentado, evidencio a necessária construção de uma literatura *afrofeminina*, inclusive, com a devida valorização da voz das mulheres negras nas correntes literárias. A respeito desta ideia:

Ora, se for possível admitir como legítima a problemática regionalização, tal como literatura mineira, gaúcha, baiana, nordestina, por exemplo, e a delimitação da nacionalidade no âmbito da arte literária – ainda que com controvérsias –, também poderão ser oportunas e viáveis outras adjetivações atribuídas à literatura, não menos problemáticas em seu entorno, como indígena, cigana, feminina, negra, *afrofeminina*, como indicadores de busca de alteridades, de afirmações e de construção de identidades e de diferenças.(SANTIAGO, 2012, P.133)

Neste sentido, a literatura *afrofeminina* é um espaço aberto para diálogos e pensamentos sobre a condição da mulher negra e seus dilemas tanto nas sociedades contemporâneas bem como nas representações artísticas. Essa literatura também dá as mulheres papel de serem os pilares e personagens principais da sua história, com a finalidade de terem sua própria voz e (re)conhecimento de sua identidade.

5. A *escrevivência* de Conceição Evaristo e sua representação em *Olhos D'Água*

Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida por todos como Conceição Evaristo, viveu os seus primeiros anos em uma favela de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Sua vida teve início no ano 1946, e desde os seus 8 anos de idade trabalhou como doméstica. Mesmo diante desta situação, manteve-se nos estudos regulares, tendo sempre o apoio de sua mãe, que a incentivou. Grande parte de sua família também trabalhava como

empregadas domésticas e a maioria dos seus familiares eram semianalfabetos ou analfabetos, Conceição Evaristo conseguiu quebrar este círculo de adversidades que nossa sociedade impõe ainda hoje a muitas mulheres negras, e conseguiu se manter nos estudos. Seguindo tradições africanas, sobre o contar de histórias através da oralidade, sua mãe e tias, sempre compartilhavam suas histórias oralmente, e foi por este caminho da oralidade que ela acabou por conhecer as letras, através das histórias e criatividade de sua família, pilar tanto de seu crescimento profissional como pessoal. Completou aos 25 anos, a escola, e desde então, não parou mais. Em seguida, ingressou no magistério, por meio de um concurso público, no Rio de Janeiro, e a partir de então começou a lecionar em escolas públicas. Iniciou seus estudos em Letras pela UFRJ. Tornou-se mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica e hoje é Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Deu início a sua vida de escritora publicando poemas em 1990 na série *Cadernos Negros*, organizado pelo grupo *Quilombohoje*, que é uma organização de escritores, e sua maior parte negras e negros, que tem como interesse em discutir e difundir a escrita e cultura negra, dando todo o incentivo para a leitura e escrita dos escritores afro-brasileiros.

Conceição Evaristo é uma das principais representantes da literatura brasileira e afro-brasileira na atualidade. E além de sua representatividade no cenário nacional, alçou voo ganhando projeção como uma escritora negra de alcance internacional, tendo suas obras traduzidas para diversos outros idiomas.

Conceição Evaristo nos apresenta uma literatura vasta e com uma reflexão profunda acerca das questões de raça e de gênero, com a sutileza de descortinar a desigualdade para os leitores, e indo além, de resgatar uma memória sofrida da população afro-brasileira e construir uma identidade negra forte frente as adversidades sociais e culturais impostas por nossa sociedade eurocêntrica.

Evaristo tem a vontade e interesse que sejam abertos espaços para outras mulheres negras se apresentarem no mundo da literatura. Como ela expõe claramente sua ideia neste trecho de uma entrevista;

“O que eu tenho pontuado é isso: é o direito da escrita e da leitura que o povo pede, que o povo demanda. É um direito de qualquer um, escrevendo ou não segundo as normas cultas da língua. É um direito que as pessoas também querem exercer. Então Carolina Maria de Jesus não tinha nenhuma dificuldade de dizer, de se afirmar como escritora. (...) E quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. (...) Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado.” (Conceição Evaristo, em entrevista concedida ao blog, Blogueiras Feministas – De olho na Web e no mundo, em 30 de setembro de 2010).

Olhos D'água é um livro de contos, vencedor do prêmio Jabuti, nesta categoria em 2015, escrito por Conceição Evaristo. Nesta obra a autora nos traz, com sua particular linguagem sutil, poética e repleta de críticas, a pluralidade de ressignificações para histórias trágicas do cotidiano da mulher negra. Em *Olhos D'água*, Conceição Evaristo nos embala em uma leitura focada na construção de uma identidade afro-brasileira abordando, de forma singular e direta, as inúmeras mazelas sociais no qual a população afro-brasileira está submetida, como a pobreza e a violência urbana que a acometem. No prefácio da 1ª edição da obra, Heloisa Toller Gomes apresenta as personagens:

Sem sentimentalismos facilitadores, mas sempre incorporando a tessitura poética à ficção, os contos de Conceição Evaristo apresentam uma significativa galeria de mulheres: Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaita. Ou serão todas a mesma mulher, captada e recriada no caleidoscópio da literatura em variados

instantâneos da vida? Diferem elas em idade e em conjunturas de experiências, mas compartilham da mesma vida de ferro, equilibrando-se na “frágil vara” que, lemos no conto “O Cooper de Cida”, é a “corda bamba do tempo”. Na verdade, essa mulher de muitas faces é emblemática de milhões de brasileiras na sociedade de exclusões que é a nossa. (GOMES, 2011, p. 9-10).

Evaristo traz à superfície, o realismo do cotidiano, o que diversas mulheres tem que enfrentar no seu dia a dia. As personagens de *Olhos D'Água* sofrem violências, tanto simbólicas, verbais como físicas. Por este motivo, como elemento para a construção da fundamentação teórica opto, para ter como foco para análise, duas personagens, Duzu- Querança e Ana Davenga. Conceição Evaristo representa a violência contra a mulher, e as diversas formas de violências em que as personagens femininas são submetidas ao longo da narrativa.

Para compreender as violências que as personagens sofrem, Conceição Evaristo traz em seu artigo, ressaltando o importante papel da *escrivivência*;

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa – grande” e sim para incomodá-los de seus sonos injustos. (EVARISTO, 2007, p. 20, grifo da autora).

A obra de Evaristo mostra o quão é importante trazer essas mulheres que a sociedade marginaliza, como personagens principais e complexas, mulheres repletas de significados para o nosso cotidiano. Protagonistas na vida

e na ficção. Conceição Evaristo, que na sua infância morou em uma favela em Minas Gerais, teve em seus primeiros anos uma vida difícil, e conhece por sua própria vivência o contexto de cada uma de suas personagens na obra *Olhos D'Água*, trazendo para o leitor a dura realidade das mulheres afro-brasileiras. Segundo Antonio Candido

Para o sociólogo moderno, [...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CANDIDO, 2011, p. 30)

Será a partir destas observações que iremos constatar que em *Olhos D'água*, que a prosa ficcional não é gerada tão somente pela vivência de Conceição Evaristo, mas, pela vivência de inúmeras mulheres negras que se sentem representadas pelas personagens. A nossa sociedade ainda expõe o povo negro a viver diariamente com as inúmeras mazelas sociais, sendo através da *escrevivência evaristiana* que os contos nos levam a pensar sobre as histórias “comuns” de nosso cotidiano, mas, que através de um outro olhar, são repletas de mulheres negras com histórias de vida complexas, nos levando a refletir sobre a importância da literatura como forma de identidade para a povo negro.

6. As representações das violências sofridas pelas personagens *Duzu-Querença e Ana Davenga*

Na obra de Conceição Evaristo, percebe-se que retratar a violência e angústia de suas personagens é um ato de dar voz para aquelas que são silenciadas diariamente, ou seja, com um manejo impar em sua escrita, a autora representa os sentimentos enclausurados das personagens, e denunciando e sensibilizando o leitor através do conto navegando entre as sensações das personagens. De tal forma é a sutileza da escrita *evaristiana* ,

que seus contos são repletos de uma forte sensação impactante e positiva, já que nos é desnudado aquelas que são invisíveis perante os olhos da sociedade, aproximando a literatura da realidade. Sob este prisma, diversos escritores se dividem sobre dois problemas: a escrita como um direito universal, que todos devem possuir este direito, e a escrita como uma maneira de denunciar e evidenciar as mazelas atingem toda nossa sociedade. Seguindo esta ideia podemos observar que;

Imersos no dilema, muitos se debruçaram dolorosamente sobre a própria escrita, perscrutando-a. Surgiam, então, as fraturas – livros que, mais do que a denúncia do momento, expõem o avesso de sua execução e nos falam de um dilaceramento que corrói artista e obra. (DALCASTAGNE,2007, p.56)

Portanto, é válido constatar que cada passo adiante existe através de lutas, e que através de uma literatura voltada para a denúncia social para aqueles que são silenciados, os oprimidos ganham voz. Por isso, as diversas formas de a “*escrivivência*” da literatura afro-brasileira utilizar destas violências vivenciadas por seus descendentes como uma ferramenta de dar visibilidade aos marginalizados pela sociedade, assim como ser uma forma denunciadora diante da violência sofrida, e das muitas configurações de violência. Como bem traz para o debate a Constância de Lima Duarte:

Os contos de Conceição Evaristo parecem trazer a expressão de um novo paradigma. Escrita de dentro (e fora) do espaço marginalizado, a obra é contaminada da angústia coletiva, testemunha a banalização do mal, da morte, a opressão de classe, gênero e etnia, e é porta-voz da esperança de novos tempos. (DUARTE 2010, p.233)

As diversas formas de violência é uma característica marcante nos contos de Conceição Evaristo, na qual podemos observar esta violência principalmente por três caminhos: a violência simbólica, violência moral e violência física. Estes tipos de violências estão interligados uma com a outra,

encadeados em suas representações, configurando-se como uma só, quando ampliamos o seu significado, e agregando a outras modalidades de violência.

Iniciando pela violência simbólica, que teve seu conceito trabalhado por Pierre Bourdieu, tem como seu cerne as representações do poder simbólico.

O poder de impor-se mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão arbitrários – embora ignorados como tais da realidade social (BOURDIEU, 1982, p. 12).

Esta representação do poder é o poder do dominador, aquele que exerce a violência demonstrando a relação hierárquica na sociedade, impondo seu ponto de vista e seus valores para aqueles que são subjugados por ele. Este poder conserva-se embutido por ser legitimado. Por conseguinte, tal representação da violência simbólica não se constitui somente como um ato de violência física, e sim, uma agressão intelectual, e que por inúmeras vezes, é seguida de uma agressão moral e física, onde quem sofre é considerado em uma posição hierárquica na sociedade inferior ao agressor, gerando um sentimento de superioridade sobre o outro, e este sentimento de superioridade pode ser levado por diversas visões, seja por raça, classe, gênero, religião, relações familiares ou diversas outras manifestações pautadas no poder e/ou preconceito. Para aprofundar esta análise, no seu artigo *Gênero e Violência na Literatura Afro-brasileira*, Constância Lima Duarte discute e faz uma análise sobre a violência simbólica de Pierre Bourdieu, realizando uma outra análise deste conceito:

Nunca concordei inteiramente com a afirmação de Bourdieu, de que a violência simbólica se ‘constrói através de um poder não nomeado’, que ‘dissimula as relações de força’. Ora, tal poder tem nome, e ele é machismo. E as relações de poder, do macho sobre a fêmea, estão bem visíveis nas relações sociais de gênero. Também questiono sua explicação simplista de que a dominação masculina se perpetua porque as mulheres naturalmente a aceitam. Ao invés de buscar a explicação da conduta agressiva no próprio agressor, e o porquê das categorias sociais estarem tão assimiladas ao masculino,

parece mais fácil vitimizar, mais uma vez, a vítima.
(DUARTE,2010, p.229)

Constância de Lima Duarte nos mostra que a violência também atende pelo “machismo”, trazendo uma nova visão sobre a teoria de Bourdieu, ao afirmar que existe uma relação hierárquica entre homens e mulheres em nossa sociedade, e que esta relação é impregnada por uma ideologia patriarcal que está impregnada em toda a sociedade, que traz em seu cerne que o homem como um ser superior a mulher, tanto fisicamente como intelectualmente. Constância de Lima Duarte também nos traz outro questionamento presente em nosso meio social, a visão de que a mulher aceita a condição de inferioridade em relação ao homem. Visão esta, que por muitas vezes, obscurece e em diversas ocasiões omite a luta das mulheres por uma igualdade e respeito da classe feminina. Portanto, a autora nos traz uma pergunta, uma interrogação sobre as causas das agressões contra as mulheres, realizadas pelo sexo masculino.

Ao fazermos uma relação entre as teorias aqui abordadas para analisar os motivos desta agressão as mulheres, se torna perceptível que uma palavra se faz ausente: respeito. E sendo a partir desta palavra, que analisaremos os desrespeitos ao gênero feminino, chegando assim a outra forma de violência, a violência moral. Tal prática também é desencadeada justamente pela falta de equilíbrios nas relações de poder presentes em nosso meio social. Por onde vemos em diversas ocasiões o dominador apoderar-se de práticas e discursos que denigrem o seu subordinado, por acharem que possuem uma autoridade sobre o outro, exercendo práticas autoritárias diárias as mulheres.

O que se observa é que além da autoridade do homem sobre a mulher, observa-se um autoritarismo em suas relações, sendo que o autoritarismo o excesso de autoridade e das relações de direito em são regidas as relações hierárquicas, levando ainda mais ao desrespeito à mulher, e a situações de conflito. Compreende-se então a importância de ressaltar os questionamento que levam a agressão masculina, o forte e presente sentimento de ser o dono da mulher, a sensação que esta é sua posse diante da sociedade, uma relação hierárquica. Esta violência encontra-se fortemente marcada no âmbito oral, onde se torna explícita a violência moral, afetando e denegrindo o psicológico

através do uso de palavras agressivas e violentas. Infelizmente, a maior parte das vezes não é compreendida como violência, por não possuir contato físico, entretanto, ocorre a quebra de confiança e autoestima de quem sofre a violência moral.

Partimos então para outro campo da violência, a violência física que é por inúmeras vezes um desencadeamento das outras violências, o último ato de violência. Compreende-se que as razões da violência física são, por diversas vezes, entrelaçadas pelas relações de poder, um sentimento de superioridade, ou desprezo pelo outro, por diversas razões. A violência física deixa as suas marcas nos corpos daqueles que são violentados, suas vítimas, violência que sangra e provoca medo. Estas práticas ocorrem muitas vezes nas relações entre pais para filhos, do homem sobre a mulher que ele considera posse ou tem que ser submissa a sua vontade, os inúmeros casos de violência contra os idosos, as diversas violências contra o povo negro, principalmente quantos estes estão à margem da sociedade, e “invisíveis” aos olhos da justiça, a violência física sobre o sentimento de ter domínio sobre o corpo do outro, que devem seguir os valores condizentes com a sociedade ou o relacionamento em que se encontra.

Sobre a relação com seu próprio corpo, observamos que a mulher vem lutando para ter o direito garantido sobre o seu corpo, sem que este seja um produto de uma ordem social vigente, como se observa neste trecho:

Este corpo, que perdeu até mesmo suas funções básicas, cujos ossos, músculos, tecido e sangue estão estagnados, é o produto da ordem social que limita o espaço da mulher, acabando por imobilizá-la (XAVIER, 2007, p.81).

Agregando a esta prática violenta sobre o corpo, chegamos à violência sexual que é sofrida em sua grande maioria, por mulher, é a violência que invade e violenta a intimidade da mulher, sendo que esta não causa somente danos físicos, psicológicos, morais acabam ocorrendo por esta prática associada a uma violência também simbólica, e moral.

Em qualquer configuração, a mulher é quem mais sofre os diferentes tipos de violência. Sendo que a maior parte destas violências esta interligada as relações de gênero. Se tornando ainda mais acentuada esta violência quando as mulheres são negras. E se estas são também pobres, a violência tende a ser pior, agregando três modalidades de opressão: gênero, raça e classe. Observa-se que muitas mulheres já sofreram alguma agressão na vida, sendo a mais comum destas práticas de violência a física, e esta violência está em muitos casos associada a seus parceiros íntimos, não sendo somente a violência física, estando interligada a violência moral, e em muitos casos, sexual. Não podemos descarta a violência emocional.

Por isso a relevância de dar vida a personagens de mulheres negras em uma sociedade racista é de suma importância, principalmente quando observamos os inúmeros problemas enfrentados pelas mulheres afrodescendentes. Regina Dalcastagnè (2008) nos remete o quão importante é retratar o povo negro, e não pôr este personagem negro simplesmente no lugar de um branco. É sim pôr na literatura que é essencialmente branca, o negro como papel de destaque, que nos descortinam as violências e preconceitos contra as mulheres negras:

Daí a necessidade de, ao se construir uma personagem negra, envolvê-la em sua realidade social ou ela não parecerá viva – pretensão que a literatura não pode descartar. Um negro que namore uma jovem branca, como no filme citado, não será negro se não receber ao menos um olhar atravessado ao longo de seu caminho, e se não sentir de algum modo em sua carne esse olhar. Ou ao menos não será um negro brasileiro do início do século XXI. Nada contra o uso político dessa estratégia, que procura chamar atenção para o fato de que negros, tanto quanto brancos, sentem, amam e sofrem, mas ela é insuficiente para abranger essa experiência diferenciada, que ainda precisa se legitimar, por si só, em nossa literatura e em nossa sociedade (2008, p. 105).

A obra de Conceição Evaristo não ignora estes atos, pois traz para o centro de sua obra. Baseada na *escrevivência*, a autora retrata com fidelidade,

com uma sutileza impar e poeticidade estas personagens da vida. Duzu-Querança e Ana Davenga são personagens fictícias que retratam tantas outras Duzu-Queranças e Ana Davengas espalhadas por todo o Brasil. São mulheres fortes, que vivem as dores e os amores de serem mulheres, pobres e negras em um cenário marcado e cercado pela violência. Como bem nos traz Regina Dalcastagnè:

Personagens negras, assim, talvez ajudem leitores brancos a entender melhor o que é ser negro no Brasil – e o que significa ser branco em uma sociedade racista. Além disso, como apontou Nancy Fraser, a injustiça social possui duas facetas (ainda que estreitamente ligadas), uma econômica e outra cultural. Isto significa que a luta contra a injustiça inclui tanto a reivindicação pela redistribuição da riqueza como pelo reconhecimento das múltiplas expressões culturais dos grupos subalternos: o reconhecimento do valor da experiência e da manifestação desta experiência por negros, trabalhadores, mulheres, índios, gays, deficientes. A literatura é um espaço privilegiado para tal manifestação, pela legitimidade social que ela ainda retém. Ao ingressarem nela, os grupos subalternos também estão exigindo o reconhecimento do valor de sua experiência na sociedade (2008, p.108).

6.1 A infância interrompida de Duzu-Querança

Conhecemos a personagem principal Duzu Querança através dos olhos de um narrador onisciente. Conceição Evaristo, logo no início do conto, nos remete à situação precária de vida que se encontra a personagem. Fica evidente ao lermos este trecho do conto:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficados presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de

zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho.

Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos. Agachou-se quieta. (EVARISTO, 2014, p. 31)

É interessante observar como Conceição Evaristo traz em detalhes a situação de vida da personagem principal no início da narrativa mostrando a situação de Duzu, para só então passar a apresentação de seu passado e todas as mazelas que ele carrega. É importante ressaltarmos a violência simbólica e moral na vida de Duzu, levando a personagem a imaginar por um alimento que trouxesse a ela felicidade.

Conceição Evaristo nos apresenta no início do conto uma Duzu já idosa, e a partir de então que o narrador começa a contar a sua trajetória de vida e a todas as violências aos quais ela foi submetida. Já na sua infância, Duzu foi levada a ir morar em uma casa repleta de meninas, onde uma idosa abrigava elas, devido à falta de condições de seus pais em poderem criá-la, prática ainda comum, infelizmente em nossa sociedade. Sobre a ótica de seus progenitores, esta era a melhor, e talvez, a única opção, de darem uma vida com melhor qualidade para Duzu. Há de se ressaltar, que os pais de Duzu não sabiam, ou não tinham uma noção plena do que realmente ocorria na casa da mulher que cuidava das crianças. Podemos notar nesta situação, uma violência social, não somente para Duzu, que ainda criança teve que ser afastada de seus pais, mas, para seus próprios pais, que diante da falta de capital e de perspectivas de uma vida melhor, “doam” sua filha para que esta tenha a oportunidade de ter uma vida melhor.

É de suma importância frisar que a personagem nunca teve em sua vida escolhas. Seus pais jamais a consultaram se ela queria ir morar na casa de desconhecidos. Sua voz nunca foi ouvida, ainda na infância, silenciada, e após chegar a fase adulta, não muito diferente, Duzu é vítima de diversas

modalidades de violência que tolheram sua voz desde sua infância, e mesmo na fase adulta, suas vontades ou opções lhe são retiradas. Na realidade, Duzu ainda criança fora morar em um bordel. As cenas de sexo tão corriqueiras no ambiente, não faziam parte do imaginário de Duzu, que nada entendia uma violência moral e social, moral pois na formação da criança é deturpada pela apresentação grosseira do sexo; social pois esta observa pela primeira vez o sexo como uma forma de serviço, e não expressão de carinho e afeto.

E foi através deste cotidiano turbulento, que Duzu passou seus anos, da fase infantil para a fase adulta, sem ter uma plena consciência do que ocorria ao seu redor. Diante desta falta de conhecimento, Duzu, acabou por se tornar vítima de um pedófilo: “Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina” (EVARISTO, 2014, p. 33). O poder simbólico masculino acabou por tolher a infância de uma criança, de Duzu, e tal violência acabou se tornando uma prática do seu cotidiano.

Tal falta de conhecimento sobre o que ocorria no ambiente, levava Duzu a peregrinar pelos quartos da casa do prostíbulo no intuito de tentar descobrir os motivos de as cenas de sexo serem tão corriqueiras no ambiente. E foi nesta sua busca por respostas que teve seu corpo violentado; “[...] o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar”. (EVARISTO, 2014, p. 33).

Mesmo estuprada, a voz de Duzu-Querança continuava silenciada. E os diversos tipos de violências continuaram a ocorrer logo em seguida, a dona do prostíbulo não viu naquele ato hediondo, um estrupo, e nem que Duzu era uma criança, apenas viu no ato uma maneira de lucrar. A infância tolhida de Duzu em seu estrupo, foi seu ingresso para adentrar na vida como uma prostituta, pois, ou ela trabalhava igual as demais, ou seria expulsa do ambiente. E foi com a violação do seu corpo que Duzu trocou as brincadeiras da infância, por uma vida onde seu corpo seria diariamente violentado.

É importante vermos a delicadeza e sutileza na escrita de Conceição Evaristo, ao utilizar através de recursos linguísticos a alienação de Duzu ao seu ambiente, e a sua vida, e por ser alienada como a personagem acaba se

tornando conivente com vida que levava, e, mais ainda, que ela gostava de praticar tais ações:

[...] Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima de mulheres. Homens acordados em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. [...]

[...] Ele em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. [...] (EVARISTO, 2011, p. 33)

Tendo sua vida guiada pela dona do prostíbulo, D. Esmeraldina, Duzu passa então a possuir o seu próprio quarto, com a finalidade de atender os seus clientes. Duzu-Querança faz a passagem de uma criança abandonada pelos pais para a uma vida na prostituição, vendendo-se seu corpo para ter um local para morar e comer. A vida de Duzu, a partir de então se torna um círculo vicioso de inúmeras modalidades de violências, como podemos ver:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. (EVARISTO, 2014, p. 34)

Observamos a partir deste trecho que a vida de Duzu-Querança continuou sendo marcada por inúmeras violências. Enviada para viver longe e com estranhos, abusada ainda na sua infância, violentada, tendo uma vida marcada tanto por violências físicas, quanto psicológicas ou frutos de uma violência social e histórica ainda tão presente em nosso cotidiano, o que restou apenas para Duzu? A miséria, a decadência.

A vida de Duzu foi guiada por uma trajetória de vida sem escolhas e nem oportunidades, sem encontrar na vida compaixão e amor que a levassem a ter

esperança. Ela acabou-se por se conformar com uma vida sem esperanças, porem recheada de dor e sofrimento. Conformou-se em nunca ser respeitada, e muito menos amada. Já em seus últimos anos, Duzu-Querança acabou por viver seus últimos delírios e sonhos, pois “[...] foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias” (EVARISTO, 2014, p. 35).

Portanto, podemos interligar os delírios e sonhos de aos quais Duzu se entregou em últimos momentos como uma fuga da realidade tão sofrida que teve em sua vida, das péssimas condições nas quais foi obrigada a sobreviver. Em seus delírios por este mundo imaginário, Duzu-Querança encontrou uma fuga para o destino ao qual estava destinada.

A partir do momento do seu abandono realizado pelos seus pais, Duzu teve uma vida solitária, que foi ainda mais reforçada quando teve de abandonar seus filhos. E em sua vida solitária, ela estava sozinha em seus últimos dias. Violentada de todas as maneiras, viveu uma vida de prostituta, e já próximo do fim de sua vida, viver como uma mendiga, e foi assim que Duzu acabou, largada em frente as praças e igrejas, entre ruas e becos, sendo vista pela sociedade com asco e pavor, humilhada. Do abandono à decadência, Conceição Evaristo dá voz a tantas meninas/mulheres, vítimas de um sistema brutal que lhes nega o direito a voz, a oportunidades, a terem uma identidade, sistema este que ainda violenta tantas Duzu-Querança.

6.2 A vida interrompida de Ana Davenga

Ana tem uma relação complexa com Davenga, mesmo tendo noção da vida que seu amado leva, ela opta por ter Davenga como seu companheiro e, sem questionar, vai morar no barraco do seu companheiro. Ana vê pela primeira vez Davenga em uma roda de samba, e no mesmo dia se apaixona por ele. O amor de Ana também é correspondido por Davenga. Ele, no primeiro momento que a vê dançar, fica encantado pela mulher, que o remete ao aconchego e as melhores lembranças de sua vida. Ana tem noção dos meios que Davenga faz para viver e tem um pouco de noção do passado do amado. Sabe que a antiga companheira de Davenga sofreu em sua mão, mas

isto não lhe causa repulsa ou medo de ficar ao lado de dele. Ana possuía outros medos, outros elementos faziam ela tremer, e não eram medos relacionados a Davenga. Em sua nova trajetória de vida, Ana amava completamente seu homem, e por isso, com ele, quis constituir uma família. Ela possui não somente o corpo de Davenga, mas também o que seu nome trazia consigo, e a partir de então ficou conhecida como Ana Davenga.

Mesmo vivendo em um local repleto de violência, e onde o medo impera, Evaristo nos traz que a opção pela escolha do local de moradia é feita de uma forma sutil e repleta de poeticidade. O conto tem seu início com símbolos que nos levam ao samba, e foi lá, na roda de samba que os dois se viram pela primeira vez. A trajetória de Ana no conto é marcada por sons e ritmos no momento que sua vida cruzou com a do seu amado, e com delicadeza ímpar, a autora nos faz sentir que é através destes ritmos que a moça compreende seus possíveis caminhos: a felicidade ou a tristeza, com a violência sempre próxima.

Ana tem noção que seu companheiro vive de atos ilegais. Ela sempre vive no aguardo de notícias e tem noção que as notícias melancólicas poderiam chegar e anunciar um possível ato de violência. É neste olhar delicado, entre os ritmos do samba e o medo que rodeia a vida no local, que Conceição Evaristo inicia o conto *Ana Davenga*:

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco...Ana Davenga reconheceu a batida. Ela não havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas, dizia algo mau, ruim, danoso no ar. O toque que ela ouvira antes não denunciava desgraça alguma. (EVARISTO, 2014, p. 21)

Observamos neste trecho a sutileza e a leveza que Conceição Evaristo constrói para dar à voz do narrador. Mostra-nos a “não-obrigação” de demonstrar um conto que aborda um tema tão recorrente em nossa sociedade, e tão importante ao dar voz a inúmeras mulheres negras que assim como Ana,

optam por este caminho, onde a violência está sempre perto, em um conto melancólico. Utilizando com bastante sutileza os ritmos do samba, que nos remetem a ancestralidade, e a presença da cultura africana, nos embarcam em um texto com uma leitura prazerosa onde o jogo de palavras é bem construído, onde na própria violência, no próprio medo, parecem coexistir perfeitamente com a alegria do samba. “As batidas da porta” no cenário construído para a personagem se tornam diferentes, a forma como batem na porta. Nesta parte, as batidas são sinônimos de alegria, de uma agradável notícia.

Os ritmos continuam a se misturar quando a narradora fala sobre o coração de Ana Davenga, não tendo somente como direcionamento o pulsar do coração, mas, relacionando este pulsar aos sentimentos que a deixam angustiada. Podemos observar no texto quando a narradora utiliza das palavras como “tão aflito” e ainda na palavra “apaziguou”. É também perceptível o medo da violência quando a narradora nos leva a perceber que as batidas não eram de algo ruim, quando o narrador diz: “tudo na paz, na medida do possível” (EVARISTO, 2014,p.21). Portanto, pode-se observar que, mesmo que estas batidas transmitam alguma sensação de alívio para Ana, estas ainda não a deixavam totalmente confortável. Pode-se observar ainda na citação acima, claras referências medo que cerca a vida de Ana: “...batidas apressadas diziam algo mau, ruim, danoso no ar.” (EVARISTO, 2014,p.21). Ao partirmos do norte que algo que nos causa dano, este elemento que é ruim e mau parecem surgir ou derivar de algum tipo de violência.

As modalidades de violência ocorrem atrelados a uma instabilidade emocional, talvez gerada pela própria violência no qual a personagem está inserida, no decorrer de todo o conto. É possível pontuar que a instabilidade emocional de Ana derive da violência moral, que não deixa de ser uma violência psicológica. É perceptível o ambiente que ela mora influi uma angustiante pressão sobre o emocional e psicológico de Ana, ambiente este em que ela não possui nenhuma estabilidade para seu presente, muito menos sobre o seu futuro. Ana Davenga vive uma vida sem nenhum tipo de tranquilidade ou paz interior, estando sempre em uma constante vigilância, de quem será submetida há algum tipo de violência, seja diretamente contra ela ou a Davenga.

Ao optar ir morar com Davenga, regras são impostas não somente a Ana, mas aos companheiros que viam Davenga como um líder, como fica claro neste trecho: “qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado” (EVARISTO, 2014, p.22). Torna-se claro que a personalidade de Davenga é bastante violenta, e do ambiente ameaçador em que a Ana optou por viver. E indo além da possibilidade de violência física, há uma violência simbólica e moral em como a personagem deve se comportar, ao afirmar como Ana deveria se comportar: “era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles (dos homens e seus negócios)” (EVARISTO, 2014, p.22). Observa-se uma clara representação da violência simbólica, ela passou a residir em um local onde o machismo e o patriarcalismo eram levados ao extremo, onde a mulher deve servir apenas ao marido e a sua casa, e não se meter nos assuntos dos homens, sendo cega, surda e muda para não atrapalhar nada.

Em outro trecho do conto é perceptível a presença do poder simbólico de relações de gênero, onde Ana Davenga espera de forma ansiosa por informações de Davenga. É no trecho em que a vizinhança adentra em seu lar, sendo que “as mulheres, como se estivessem formando pares para uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo” (EVARISTO, *id*). Há uma clara representação nesta parte do conto sobre o poder simbólico exercido pelos homens sobre as mulheres, na forma estes se dispõem a adentrar na casa de Ana: as mulheres atrás de seus respectivos homens.

A personagem encara com naturalidade ser vítima de uma violência simbólica, sendo oprimida em seu cotidiano. Ana tinha o desejo de possuir uma vida e ter uma família, mesmo tendo um companheiro tão machista em sua prática, Davenga não a agredia fisicamente. Sobre os olhos de Ana, Davenga não a agredia de nenhuma maneira, além de ser um bom companheiro para ela;

Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento. Ela não estranhava nada... Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que

qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver. (EVARISTO, 2014, p. 26)

“...Qualquer vida era um risco.” Talvez, uma possível interpretação desta frase já que antes de Ana ter um relacionamento com Davenga, ela já tivera uma vida violenta e sofrida, porque em sua fala, fica claro que ela não conheceu a paz nem a quietude, e prefere se arriscar nesta vida. E também fica claro, que a personagem na frase “não estranhava nada” que era vítima tanto de uma violência psicológica como simbólica.

Há um elemento de bastante destaque no relacionamento entre Ana e Davenga, que são suas relações sexuais, Davenga chorava como fica claro neste trecho: “E todas as vezes em que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa” (EVARISTO, 2014, p. 23). É possível compreendermos que nesta frase a palavra dor possa nos remeter ao de alguma violência, Ana neste estranho cenário onde o prazer deveria ser a palavra marcante, ela sentia dor, mesmo que não sendo sua, pela condição do seu companheiro, uma condição de subordinada mesmo em seu momento de gozo, a dor do seu companheiro. Uma violência moral, mesmo que não sejam expressadas palavras que a rebaixem ou venha a denegrir, tal ato de Davenga, atinge diretamente a moral de Ana, mulher, que procura dar prazer e alegria para o seu homem, esperando dele a mesma intenção. “Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada” (EVARISTO, 2014, p.23). Ana sente culpa sem ter feito nada para sentir tal sentimento, o que nos deixa claro a força da violência simbólica, onde muitas vezes a vítima não possui a consciência a violência na qual está sendo submetida.

Seguindo com as relações do poder simbólico de Davenga sobre sua companheira está no trecho “Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor! Um dia pensou em se negar para não ver Davenga chorando tanto. Mas ele pedia, caçava, buscava. Não restava nada a fazer, a não ser enxugar o gozo-pranto do seu homem” (EVARISTO, 2014, p. 23). Pode-se observar a violência através de dois elementos: em um primeiro momento está no ato de a mulher ter no silêncio uma respostas para a dúvidas que existem no relacionamento e no ato. Davenga não conversa sobre seus problemas com sua companheira e a obriga a aceitar manter relações com ele, mesmo ele chorando, com Ana

nunca tendo descoberto o motivo real do choro. Remetemos então a um trecho já citado, que na visão de Davenga, Ana deve ser deveria ser surda, cega e muda ao aceitar ir morar na casa dele.

O outro elemento a ser abordado é sobre a violência sexual que é praticada contra Ana. No momento em que Ana opta por não ter relação sexual com Davenga, este não a respeita, como trecho mostra, ele “pede, caça e busca”, ele não leva em consideração a vontade de sua companheira. É importante pontuar quanto a expressão “gozo-pranto” de Davenga fazia mal a Ana: “...Depois havia o choro de Davenga, tão doloroso, tão profundo, que ela ficava adiando o gozo-pranto” (EVARISTO, 2014 p. 29). Ele a submete a sua vontade, sem que para isso tenha que utilizar da violência física para tal, utilizando do poder simbólico e de argumentos que persuadem Ana a continuar a pratica sexual, sem ter noção nem saber a razão do motivo da dor, levando-a a sentir sempre a sensação de dor. Neste ato corriqueiro no relacionamento entre os dois, observa-se a violência sexual, associada a violência física, moral e simbólica. Física pelo ato sexual ser a força, moral onde vemos que o equilíbrio emocional da personagem é agredido, ao permitir que Ana sintasse culpada por algo que nem sequer praticou ou sabe o motivo e simbólica por Davenga exercer um ato violento e nocivo a sua companheira por sentir-se em uma relação de superioridade a sua parceira. Ana Davenga é a representação de inúmeras mulheres violentadas na vida por tantos atos que representam o poder simbólico do gênero masculino sobre o feminino em nossa sociedade. Podemos concluir que Ana possa ser uma mulher de origem humilde e simples, que sempre foi submetida a diversos tipos de violências e preconceitos, levando a ter sequelas em sua vida por estas agressões. No conto é demonstrado que Ana teve uma vida acostumada a poucos alegrias e muitos sofrimentos e dores:

Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário... E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior num profundo sofrimento. (EVARISTO, 2014, p. 29)

Seguindo o conto através das batidas na porta, entre as idas e vindas de Davenga, os vizinhos que chegavam para participar de uma festa surpresa que seu companheiro preparava para Ana. A história é intercalada entre a vida de Ana pós-Davenga e o medo e agonia da personagem principal em por não compreender o que estava a acontecer, o porquê de tantos vizinhos virem até a sua casa. Ana se indaga, onde está Davenga, quando o mesmo aparece e revela que o motivo da festa é para comemorar o aniversário de Ana. Tal festa que Ana não esperava ser comemorada, devido ao fato de nunca ter tido uma festa deste tipo, como vemos em “Era a primeira vez na vida” (EVARISTO, 2014, p.29). Conceição Evaristo não traz o quanto Ana já foi violentada pela vida presente nas significações que são representadas através dos símbolos “viciada na dor” e “profundo sofrimento”. Sendo aquela festa de aniversário, já adulta, a maior alegria que a personagem já teve. Trazendo para o debate sobre a violência, Constância Duarte (2010, p. 232) em seu artigo, cita Evaristo (2014) e faz uma análise breve sobre a personagem, mostrando o quão é importante dar voz a personagem feminina e os seus sinais de luta, mesmo diante um final violento :

[...] o conto “Ana Davenga” se constrói a partir de flashbacks, suspensões de tempo, e o clima permanente de mistério. A voz narrativa é feminina e fala de dentro dos sentimentos e das apreensões da personagem. A história de Ana só difere das demais porque é dada a ela a opção de traçar seu caminho, de escolher o homem, de se rebatizar. O desfecho violento já vinha anunciado nas entrelinhas da narrativa. Assim, quando a polícia entra no barraco e metralha os dois ainda na cama, acabando com uma tênue promessa de futuro para eles, quase não surpreende o leitor. Fica a beleza do botão de rosa se abrindo na manhã seguinte, quando não havia mais vida no quarto.

A narrativa chega ao seu clímax final, acompanhado dele, as dores, as alegrias efêmeras e as violências em que Ana foi submetida ecoam nos últimos versos:

A porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho... Uma metralhadora apontou para dentro da casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda... De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa, e desse gesto se ouviram muitos tiros. Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais a serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morreram ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. (2014, p. 30)

O sinal mais nítido da violência física sofrida por Ana é evidenciado no final do conto de Conceição Evaristo. “Ana, que morreu ali na cama, metralhada...” (EVARISTO, 2014, p.30) percebe-se o quão sua vida foi violentada, deixando suas últimas marcas no corpo vítima. Mesmo sendo vítima de uma vida patriarcal, onde sua vida estava interligada a vida de Davenga, e suas idas e vindas, Ana Davenga, sofreu sua última violência praticada por uma violência não só física, como por uma pela violência de cunho simbólico. Neste caso, representado pela polícia e o seu excesso de autoridade, principalmente em locais como Ana Davenga morava, e contra a população negra, que acaba por tolher uma vida por sentir sua autoridade questionada. Uma violência que tolheu três vidas naquela noite, Ana, o companheiro e o bebê que esperava e protegia.

Considerações finais

É importante compreender que a mulher negra e pobre que vive em nossa sociedade tem uma vida repleta de marcas e heranças patriarcais e preconceitos raciais, sendo vítima muitas vezes de diversas violências, além de vê-se limitada em diversas formas em seus direitos e vontades. E são muitos os fatores que tolhem as liberdades da mulher, seja por manter sua liberdade e não aceitar a imposição do companheiro, seja por ser mais frágil fisicamente que o seu parceiro, não acatar determinadas situações de romance

com seu companheiro, ou preferir terminar o relacionamento, ou ter relações com outras mulheres, por não seguir os padrões morais ou as normas de gênero que a sociedade impõe, ou em alguns casos, apenas por ser negra. Mesmo diante das mais diversas conquistas feitas pelas mulheres no decorrer dos últimos séculos, ainda há muitos avanços a serem conquistados como: o direito pleno de suas ações e o controle sobre o seu próprio corpo.

São inúmeras as mulheres que continuam tendo seu corpo, sua moral e seu psicológico violentados diariamente pelos mais diversos motivos, sendo em sua maior parte, vítimas de uma violência herdeira do poder simbólico dos homens ou da sociedade ou pessoas machistas, na tentativa de tolherem sua liberdade e seus direitos. Como foi observado no decorrer do ensaio, a violência, ou as práticas de violência vem em diversas configurações, pois uma prática acaba por levar a outra, deixando marcas visíveis e invisíveis nas mulheres, além do sofrimento de serem vítimas de alguma forma de violência. Podemos observar estas condutas de violência muitas vezes iniciadas pela violência moral, que violenta o psicológico e o caráter da mulher, assim como a violência simbólica, que tem sua origem na sociedade hierárquica masculina, que ao se porem na condição acima da mulher não aceitam a autoafirmação feminina. E em muitos casos, após a mulher ser vítima das outras práticas violentas, a violência física é exercida, e, em muitos casos, associada diretamente à violência sexual.

Esta não é a realidade de todas as mulheres afrodescendentes, entretanto, e infelizmente, ainda é o cotidiano de muitas mulheres negras. Tais violências e brutalidades não são praticadas somente com mulheres negras, porém, as mulheres negras são alvos de uma violência a mais. É de vital relevância pontuar que a Literatura Afro-brasileira escrita por mulheres negras não possui apenas como tema a violência e o sofrimento feminino, entretanto, autoras, como Conceição Evaristo, se tornam cidadãs ativas e combatentes, ao denunciarem e darem voz para estas mulheres que são silenciadas por nossa sociedade, e historicamente não tinham espaço na literatura como personagens protagonistas. Descortinam para todos nós estes processos de violência sobre a mulher negra, e como elas lidam e sobrevivem em meio a estas práticas.

Em Duzu-Querança, a violência é parte de sua vida desde a infância, no momento que passou a viver longe de seus pais, e foi morar no prostíbulo, ela largou a vida que uma menina de sua idade deveria ter, entre brinquedos, brincadeiras e educação, para ter uma vida violentada pelos clientes do bordel onde morava. Em um local repleto dos mais diversos tipos de violências contra a mulher, Duzu foi violentada, sendo mais um dentre tantos casos em nossa sociedade de pedofilia, e com este ato, teve que dar adeus a sua infância e ingenuidade, e entrar em um mundo hostil da prostituição para sobreviver. Se tornou prostituta por não ter voz, e por não ser vista como uma criança que foi violentada, e sim como uma mulher que precisava entregar seu corpo para sobreviver. Passou seus últimos dias como uma mendiga, lhe foi retirada sua infância, sua inocência, seus filhos, seus sonhos, e seu corpo, já frágil, já estava marcado e envelhecido demais para continuar a ser violentado. As escolhas sempre foram retiradas de Duzu-Querança, sua vida foi marcada pelo silenciamento, por ataques tantos físicos, morais como psicológicos, e em seus últimos dias, abandonada.

Ao analisarmos a vida da personagem Ana Davenga, sua vida estava longe de ser calma e perfeita, e talvez seja possível afirmar que Ana não se importava com isso, quem sabe ao levarmos em consideração a vida que levava, tendo sua voz sempre silenciada, e ao sentir que tinha um homem que dizia ama-la, fosse o exemplo mais próximo de vida perfeita que ela já vivenciara. E mesmo diante das inúmeras violências vivenciadas e de como sua morte foi brutal, Conceição Evaristo, com uma sutileza e sensibilidade tocante, nos transmite a força da personagem, sua coragem, sonhos e até felicidades. E ao meu ver, principalmente a coragem em lidar com aquele ambiente hostil e repleto de conflitos por amor a Davenga, e por ter o sonho de construir uma família.

É importante para a compreensão da obra e dos contos, a representatividade e a construção de uma identidade negra, como a autora nigeriana Chimamanda Adichie, em uma palestra realizada ao programa Ted Talks, nos traz o quão é importante que mulheres negras sejam representadas na literatura para a construção de uma identidade, no nosso caso, uma identidade afro-brasileira, e que a história e a literatura não sejam contadas somente por um lado da história, silenciando e apagando as características dos

diferente povos, culturas e lugares. Sem esta representatividade na literatura, o povo negro, em foco a mulher negra, não possui voz nem tem espaço, ao se ver somente personagens brancos, mulheres brancas, que não vivenciam a mesma realidade de tantas mulheres negras periféricas brasileiras. Debruçando sobre o pensamento de Chimamanda, é de vital importância para a literatura, que está se torne cada vez mais ampla e heterogênea em sua escrita, abrangendo toda a pluralidade em sua escrita, para que não represente sempre histórias com os padrões já recorrentes. Sendo um elemento de identificação da população negra, a literatura contribui com um papel vital para que os alicerces da construção de uma identidade negra, no caso das mulheres negras, sendo fundamental que tenhamos cada vez mais personagens centrais negras. É de grande contribuição para a afirmação da identidade negra que representatividade na literatura não perpassa somente por temas da cultura afrodescendente, mas todas as demais, como no caso deste ensaio, a importância de termos mulheres negras, como Conceição Evaristo, na escrita de personagens fictícios que representam tantas mulheres e histórias reais espalhadas por todo o Brasil.

Acreditamos que é de suma importância uma literatura que coloque como foco personagens negras como seus protagonistas, que se não fossem pela literatura, por já serem silenciadas em nossa sociedade, mas, na literatura, ganham voz e vida, tendo suas vidas representadas através de situações cotidianas.

Conceição Evaristo é uma mulher que tem em sua escrita a arte da *escrevivência* de uma mulher negra e de origem periférica, que vivenciou todas as dificuldades e preconceitos impostos por uma sociedade machista, branca e excludente. Faz da sua escrita um ato de inspiração e voz para diversas mulheres, mas, principalmente, faz de sua escrita um ato de direito da mulher negra. Em suas linhas, Conceição Evaristo consegue transmitir que não nos esqueçamos que mesmo diante de todas as dificuldades, suas personagens, Duzu-Queraça e Ana Davenga, ganham corpo, coração e alma de tantas mulheres que viveram ou ainda vivem as mesmas situações das personagens. A literatura não pode mais tolher o direito da mulher negra em ser protagonista de sua história e nem impedir que esta tenha sua voz escutada. Mesmo diante de tantas violências impostas pela sociedade, de tantas lutas ainda a serem

travadas, a obra *evaristiana* (dis)selencia e descortina a alma feminina da mulher negra, em todas as suas formas de felicidades, dores, violências e amores.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc Acesso : 10/07/2018

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998
BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceito e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7.ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CADERNOS NEGROS. São Paulo: **Quilombhoje**, v. 13, 1990.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha; DUARTE, Eduardo de Assis. “Conceição Evaristo”. In: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In:_____. Vários Escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASTANHEIRA, Cláudia. **Escritoras brasileiras: percursos e percalços de uma árdua trajetória**. NIELM (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura).Disponível

em:<http://www.unig.br/cadernosdafaef/ARTIGO%20CADERNOS%208%20CLAUDIA%20CASTANHEIRA.pdf>> Acesso em 15/06/2018

CUNHA, Helena Parente (org.). **Desafiando o cânone**: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999

DALCASTAGNÈ, Regina – **“Nas tripas do cão**: a escrita como espaço de resistência”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 29. Brasília, janeiro-junho de 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina – “Entre silêncios e estereótipos: **relações raciais na literatura brasileira contemporânea**” **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio; DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis (orgs.). *Falas do outro - literatura, gênero, etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis (2011a). **Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra**. In: _____ (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. v. 1 (Precursos). Belo Horizonte: Editora UFMG.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Minas Gerais: UFMG, 2011.

EVARISTO. In: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. In: COLÓQUIO DE ESCRITORAS MINEIRAS, 1, 2009, Belo Horizonte.

EVARISTO, Conceição, em entrevista concedida ao blog, *Blogueiras Feministas – De olho na Web e no mundo*, em 30 de setembro de 2010. <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo>. Acesso 16/06/2018

EVARISTO, Conceição, em entrevista concedida ao blog, *Blogueiras Feministas – De olho na Web e no mundo*, em 30 de setembro de 2010).

EVARISTO, Conceição. “**Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**”. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pósmodernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. +

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHNEIDER, Liane. **'Literatura de mulheres', 'literatura feminista' ou 'escrita feminina':** sinônimos ou áreas de tensão? *Labrys, études féministes/Estudos feministas*, Brasília: UnB, janvier/juin; jan./jun. 2007.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Salvador, BA. Editora UFRB, 2012

SODRÉ, MUNIZ. **Claros e escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007. Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1998.